

NOTAS SOBRE "SOBRE O TÉDIO"

* Eric Bidaud é psicanalista, professor assistente em psicopatologia na Universidade Paris 13 e autor do livro *Anorexia mental, ascese, mística*. Foi especialmente por meio deste livro que conhecemos Bidaud. Desde nossas primeiras leituras sobre o tema anorexia, chamou nossa atenção sua compreensão sobre esse transtorno. Bidaud associa à conduta anoréxica a noção de tentação, entendida como uma relação mortífera com o objeto de necessidade. Releva aqui a noção de espaço, enfatizando um campo que se instaura na relação mãe-filha, gerador de ressonâncias importantes na subjetivação da anoréxica. Já no artigo que se segue tratará da noção do tempo e de como o tédio, compreendido como um afeto, terá importância fundamental em algumas patologias, dentre elas a anorexia.

Em agosto de 2000 Eric Bidaud esteve no Brasil, justamente apresentando esse trabalho no II Colóquio "A Psicanálise, a Educação e os Impasses da Subjetivação no Mundo Moderno", realizado pela Universidade de São Paulo.

Nessa ocasião, concedeu-nos uma entrevista e nesse encontro pudemos também apresentar nosso projeto – *Anorexia e feminilidade* – e nosso interesse em dar continuidade a esse intercâmbio sobre a clínica dos transtornos alimentares. Assim, este artigo nos foi encaminhado visando essa interlocução.

* *Psicanalista, professor-assistente em psicopatologia na Universidade Paris 13.*

CEPPAN

Clínica de Estudos e Pesquisas em Psicanálise da Anorexia e Bulimia

Grupo formado por psicanalistas do Departamento Formação em Psicanálise coordenado por Ana Paula Gonzaga e Cybelle Weinberg

SOBRE O TÉDIO

Eric BIDAUD*

Traduzido por Claudia M. Pacheco

RESUMO: *O tédio é um afeto "ordinário" que foi pouco estudado no registro da psicopatologia. Uma aproximação da questão parece-nos possível com relação a duas categorias essenciais que estruturam a relação do sujeito com seu desejo: o fazer (vivido no tédio como impossível) e o tempo (experimentado como longo nesse mesmo afeto).*

¹Tradução livre de "Ao leitor", in *As flores do mal*, de Charles Baudelaire:

Nos currais infames de nossos vícios,
Ele é o mais hediondo, o mais perverso,
o mais imundo!

Embora não se manifeste nem em
grandes gestos nem em grandes gritos,
Ele fará, de bom grado, da terra uma
sucata,

E, num boccejo, engolirá o mundo,
É o Tédio!

Nossa análise permite articular o sentimento do tédio, em particular na anorexia mental, ao espaço do devaneio diurno que imobiliza o sujeito em sua relação com o outro, instalando uma relação de dominação.

Se a adolescência é um período favorável à instalação do tédio, este deve ser associado, como modo de defesa, a toda situação de passagem e de remanejamento psíquico.

Dans la ménagerie infâme de nos vices,
Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grand cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;
C'est l'Ennui...

Charles Baudelaire. Au lecteur. Les fleurs du mal.¹

Se é verdade que a descrição e a análise do tédio foram tomadas em uma vasta rede discursiva, percorrendo o domínio da religião, da literatura e da medicina, o tédio, na qualidade de afeto "ordinário", permaneceu não-essencial ou negligenciável no registro da psicopatologia. Admitiremos que a pesquisa sobre a angústia domine a análise freudiana dos afetos, fazendo circular em torno desta toda a abordagem do sofrimento psíquico. Uma clínica do tédio, do *Langweile*, como afeto doloroso e de longa duração, poderia enfocar, na obra freudiana, a melancolia de um lado e a neurose atual de outro (observando que Freud, nos seus primeiros estudos, soube reunir as três entidades clínicas: melancolia, anorexia, neuroses atuais). Freud, no manuscrito G, inscreveu sua pesquisa sobre a melancolia no quadro estabelecido a propósito da neurastenia e da neurose de angústia, ou seja, das neuroses atuais. A etiologia associada à vida sexual atual repousa em um mecanismo que relaciona tensão sexual somática e tensão sexual psíquica. Como se a neurastenia assinalasse uma deficiência de tensão sexual somática decorrente de masturbação excessiva e a neurose de angústia, uma acumulação de tensão sexual somática proveniente de fora do psiquismo, principalmente pela prática do coito interrompido; a melancolia assinala uma anestesia sexual. Freud distinguirá o afeto da melancolia ou, sobretudo, estabelecer-lhe-á um modelo, aquele do afeto do luto, "ou seja, o pesar amargo de alguma coisa perdida. Poderia, portanto, tratar-se, na melancolia, de uma perda, perda no domínio da vida sexual... a melancolia é um luto

provocado por uma perda de libido”². A descrição da melancolia como afeto resultante de uma inibição psíquica, acompanhada de um empobrecimento pulsional, “cujo sofrimento, que assim seja”, poderia aplicar-se à problemática do tédio.

Poderíamos igualmente direcionar nossa atenção ao recurso em Freud à noção de nostalgia³ ou de languidez sob o termo de *Sehnsucht*, que marca esse estado de reencontro impossível com os objetos originais da satisfação. Em “Inibição, sintoma, angústia”, Freud designa um modelo inicial de nostalgia a partir da situação do lactente que, na incerteza do retorno da mãe, “pode, então, sentir alguma coisa como a nostalgia, sem que esta seja acompanhada de desespero”, desde que a mãe saiba desenvolver em seu bebê as primeiras capacidades de espera por meio de experiências reassseguradoras. Aqui, encontra-se evocado o valor da elaboração psíquica do estado de nostalgia.⁴

Não é menos correto que, nesse quadro, o verdadeiro tédio, o Langweile, permaneça um afeto discreto e de fraca autoridade clínica e teórica. O trabalho relativamente recente de Michèle HUGUET⁵ sobre a questão marca, sem dúvida, um progresso importante. M. Huguet definiu o tédio como um afeto que exprime a experiência do tempo vivido como longo. O tédio, que não é nem depressão nem angústia, manifesta uma ruptura da relação para com o objeto. Trata-se de um estado vivido como “lá”, onde nada acontece, nem em si nem fora de si, e onde esse nada poderia não se passar; o sofrimento do tempo vazio e desertado deixa o ego a salvo de qualquer perigo e a salvo da espera, fixando uma relação de imobilidade do indivíduo com o tempo atual. Como se não houvesse nada mais para ele além do sentimento de um tempo que escoia à maneira de uma coisa e que não sustenta nenhum desejo. O tédio instaura um puro presente que oprime.

O tempo e o fazer

Não insistirei mais, ao longo deste artigo, sobre as diferentes formas de denominação do tédio e suas variedades descritivas e introspectivas. Orientarei minha análise em relação a dois eixos conjuntos: o tempo e o fazer, por onde parece-nos desenhar-se uma certa estrutura do tédio. Ver ou não ver o tempo passado traduz toda a relação do indivíduo com o tédio, em vias de surgir ou não em uma questão que se coloca precisamente como “fazer alguma coisa de seu tempo”. O modelo do estado de tédio pode ser aquele da criança que permanece horas em frente aos seus deveres sem poder decidir-se a fazê-los, entediando-se. Ela pode delirar, pensar que, em vez dos deveres, poderia brincar, mas, quando o tempo lhe é dado para brincar, ela não sabe o que fazer e entedia-se do mesmo modo. “Tenho vontade de fazer nada”, pode dizer, então. É isto o que Sandor FERENCZI aponta em uma passagem de seu diário clínico em 1932: “O que entediar-se significa? Ter a fazer aquilo que se detesta e não ser capaz de fazer aquilo que se amaria. Em todos os casos, uma situação de

² FREUD, S., *La naissance de la psychanalyse*, trad. fr. A. Bertran, Paris, PUF, col. “Bibliothèque de psychanalyse”, 1956, p. 93.

³ Deve-se observar que, particularmente na língua alemã, ter o tempo longo (o tédio) e ter nostalgia são expressões com o mesmo sentido. Cf. M. HEIDEGGER, *Les concepts fondamentaux de la métaphysique*, trad. fr. D. Paris, Paris, Gallimard, 1983, p. 127.

⁴ Remetemos, para aprofundamento dessa noção, ao artigo de M. C. LAMBOTTE, “Nostalgie”, in *Encyclopaedia Universalis* (última edição).

⁵ M. HUGUET, *L'ennui ou la douleur du temps*, Paris, Masson, 1987.

⁶ S. FERENCZI, "De l'ennui", in *Journal clinique* (janeiro-outubro de 1932), Paris, Payot, 1985, p. 64.

⁷ P. JANET, *De l'angoisse à l'extase*, Paris, Ed, Societé Pierre Janet, 1975, p. 104.

⁸ M. HEIDEGGER, *op. cit.*, capítulo II.

sofrimento."⁶ A vivência do tempo longo articula-se a um "fazer" vivido como impossível ou privado de sentido, e ainda largamente incompreensível. No tédio, o ego sente-se abandonado pelas "coisas" e por ele mesmo – ele é esquecido e não se conhece mais. O ego entediado é ignorado e, em consequência, ignorante: ignorante daquilo que deseja, ignorante quanto ao desejo propriamente dito. O "não sei o que fazer" da criança que se entedia marca não somente o desvario de um ego abandonado a si mesmo, mas também o apelo a um outro do qual espera um saber, um saber portanto precisamente sobre seu desejo. Desse outro, diríamos, ele espera uma distração. Concordamos, nesse ponto, com Pierre Janet que, em suas pesquisas clínicas sobre "os sentimentos de vazio", indica que o "tédio é caracterizado pela exageração de uma conduta particular, aquela da procura da distração"⁷; por isso, acrescentamos, que essa procura é fundamentalmente uma espera indeterminada. O entediado espera que, do exterior, alguma coisa venha preencher seu vazio. Ele deseja que a distração surja no sentido de uma aparição feérica de um prazer intenso, mas, tão logo sobrevenha uma distração, o ego entediado nela vê apenas uma vã recreação, um objeto falsificado que o desilude. O objeto da distração não "suporta" o sujeito – e este suporta muito menos ainda ao objeto, ele não tem nada a fazer com ele. O entediado espera do outro um objeto que o insatisfaça sempre. É por essa razão que se encontra no sofrimento de um infinito tempo de espera. Poderíamos formular que o tédio é aquilo que é sentido no instante em que o objeto que desejo possuir não parece fazer de mim nada mais do que se não o possuísse. Crise súbita de objetos pela qual se experimenta sua absurdidade, sua não-utilidade. Os objetos não nos solicitam a "fazer" qualquer coisa deles, no sentido não simplesmente de uma ação, mas de um engajamento psíquico, de um movimento interno pelo qual somos ligados aos mesmos. Os objetos imobilizam-nos e fazem-nos experimentar o tempo longo. Se situamos o desejo como precisamente aquilo que opera uma ordenação do tempo e do fazer, o tédio surge da alteração desses dois registros. (Remetemos vivamente à longa reflexão de Martin Heidegger sobre o tédio, sobre o qual estabelece "um componente de estrutura" a partir da "juntura" de dois estados: "O estado de arrastar-se pelo curso do tempo que tarda a passar e, depois, o estado de ser esvaziado pelas coisas que se recusam.")⁸

Enfim, se no tédio o "fazer alguma coisa do seu tempo" é experienciado como impossível, é na medida que esse "fazer" é privado de sentido. O outro, do qual teria de fazer alguma coisa, aparece-me como inapto tanto para receber quanto para dar. Ele me dá as costas. *Ao contrário*, o que seria não entediar-se? Atribuir sentido, isto é, extrair a si do simbólico, ao endereçamento do outro, que, ao recebê-lo, ao acolhê-lo, dá sentido ao nosso sentido. Em certa medida, não entediar-se é ser preenchido pelo outro – no melhor caso, satisfazer-se com isso. Assim, o tédio é a marca em si da falta do outro, no sentido da falta no outro. Queremos dizer que no tédio o outro me

coloca à prova de sua impotência em me completar. Ao mesmo tempo em que o tédio me significa meu próprio vazio que me separa do outro, o outro se significa em seu próprio vazio.

A acídia

A noção de acídia, designando na teologia cristã aquilo que experimenta o sujeito “entediado” em sua impotência de se juntar a Deus, permite alimentar nossa reflexão sobre o tédio profano como sofrimento *do* outro e, principalmente, como doença da idealidade.⁹ Aplicando-se sobretudo à vida dos monges, a acídia é um estado que conta entre os “oito maus pensamentos”, designados igualmente sob o nome de “oito espíritos de malícia” ou, ainda, “oito vícios capitais”. Segundo a lista de Evagrio Pôntico, esses vícios são: a gula, a fornicação, a avareza, a tristeza, a cólera, a acídia, a glória vã e o orgulho. “Não se trata tanto de pecados”, indica F. Thierry-Marie Hamonic, “mas das principais tentações às quais o monge é confrontado”. No fim da Idade Média, após muitas peripécias, os oito maus pensamentos tornaram-se os sete pecados capitais, quais sejam: o orgulho, a inveja, a cólera, a preguiça, a avareza, a gula, a luxúria. A tristeza desapareceu, a glória vã foi integrada ao orgulho e a inveja ocupou o lugar restante para obter o setenário. Quanto à acídia, ela cedeu lugar à preguiça. Essas modificações explicam-se em grande parte pelo que poderíamos chamar de uma secularização dos vícios capitais: eles cessaram de designar as tentações próprias ao estado monástico para tornarem-se a lista dos principais pecados aos quais todos os cristãos, leigos ou clérigos, estão expostos.”¹⁰ Na língua dos escritores espirituais, a acídia é, sobretudo, o tédio e o desânimo que se apropriam do monge incapaz de determinar-se e cumprir as tarefas às quais deveria entregar-se. São dois os tipos de efeito acidioso a reter: um que precipita o sujeito no sono; outro que o impulsiona a abandonar sua cela. Assim, a acídia é a distração que leva ao sonho ou ao devaneio diurno, assim como a um “fazer outra coisa”. Indicaremos que a tradição monástica representa a acídia sob os traços do mais temível dos demônios, “o demônio da meia-idade”¹¹, o qual, na nossa consciência profana, traduz a “vagabundagem” do desejo sexual e a tentação da infidelidade. Esse demônio nos remete à dimensão do tempo e do desejo culpável. Na acídia, o religioso é conduzido a uma dinâmica transgressora. Ele não está lá onde deveria estar, no recinto de sua contemplação. Ele é desviado de Deus em um “alguers” de devaneio do qual nada pode dizer. A acídia assinala em sua essência a tendência ao prazer, ao “concupiscível”.

Esse rodeio pela acídia permite avançar na análise do tédio como aquilo que opera um desvio, um distanciamento de um pólo suposto de perfeição. Qualquer outra coisa da ordem do sexual atrai, tenta. Esse estado de esgarçamento entre um pólo ideal e um pólo sexual produz o enclausuramento, onde se experimentam múltiplas variações do sentimento de vazio interior.

⁹ Cf. M. Huguet, *op.cit.*, p. 92.

¹⁰ F.T.M. HAMONIC, L'acédie et l'ennui spirituel selon saint Thomas, in *L'ennui*, revista Autrement, col. Mutations, Paris, 1988, p. 90.

*N.T.: refere-se à personificação de uma tentação de natureza afetiva e sexual que se apodera do homem no meio de sua vida.

¹¹ J.J. Rousseau, *Les Réveries du promeneur solitaire*, Paris, Flammarion, 1964, p. 87.

O far niente

A análise do tédio acidioso permite suscitar uma ligação paradoxal: se o nada interno experimentado no tédio marca o desgosto de se fazer o que se tem a fazer, é na medida que se exerce sobre o sujeito uma atração, um desvio em direção do devaneio. O sofrimento do tédio não tem unicamente por objeto uma vontade de nada fazer em relação ao que é esperado de mim, mas ao mesmo tempo uma vontade indefinível de se fazer outra coisa.

A linguagem faz sobressair a ambigüidade própria desse afeto. Se o trivial “tenho vontade de fazer nada” exprime o tédio, a mesma frase pode traduzir um bem-estar, o “precioso *far niente*”, do qual fala Jean-Jacques Rousseau precisamente em seus devaneios solitários. “O precioso *far niente* foi o primeiro e o principal desses gozos que eu quis saborear em toda a sua suavidade, e tudo o que eu fiz durante minha estada não foi nada além da ocupação deliciosa e necessária de um homem que é devotado à ociosidade.”¹¹

O *far niente*, associado ao devaneio em Rousseau, vem em reação (compensação ou reparação, diz ele) a uma humanidade que se recusa a ele e até mesmo conspira para sua infelicidade. E se o *far niente* pode ser “gozos” no devaneio, pode também, a todo instante, mostrar sua face de sofrimento e desembocar em uma repetência de queixas e lamentos por onde o outro é sempre fonte de sofrimento. Assim, de um lado, o “fazer nada” como gozo no devaneio, de outro, “o fazer nada” como sofrimento do outro, sofrimento em razão do outro (em Rousseau, sofrimento persecutório), conduzindo ao tédio. Avançamos sobre a idéia de que, nesse último caso, o tédio é um *far niente* interceptado de seu devaneio. Atrás do *nada* esconde-se o devaneio morto (como poderíamos dizer que uma língua está morta não quando ela não existe mais, mas quando ela não serve mais). O tédio constituir-se-ia, assim, no “refluxo” do devaneio, no lugar deixado vago pelo devaneio.

Tratando-se no tédio de uma ruptura do prazer em fazer o que se pode fazer em um tempo para si, podemos evocar o espaço potencial definido por D. Winnicott, que permite que o sujeito seja ligado a seus objetos por meio do modo do prazer de criar imaginariamente laços, de *fazer* qualquer coisa de seus objetos.

“Brincar é fazer”, enuncia Winnicott. Poderíamos supor que no tédio o espaço potencial não esteja perdido, mas imobilizado. Mostra-se aqui que o desejo parece suspenso em relação a seus objetos, e não que não exista desejo. Existe como que um desprendimento e uma ruptura da dinâmica interna, que se traduz pelo caráter imobilizador e mortificante do tédio.

A propósito da anorexia

Nossa pesquisa anterior sobre anorexia mental permitiu-nos reunir a integração do ato alimentar às noções essenciais de ritmo, de escansão e de

espaço temporal¹². Na subversão anoréxica, é o tempo, a partir de um poder suspensivo de desinvestimento, que perde suas marcas e sua função organizadora. Se a sabedoria social nos diz que há tempo para tudo, a anoréxica replica que tudo pertence ao tempo e que, em consequência, não existe mais tempo. O tempo é, a partir de então, congelado, mortificado, instalando uma dimensão em que não há mais o que se desejar ou o que se esperar. Investir a ausência, preencher um tempo vazio, sem começo nem fim, é também conjurar a morte, impedir o sofrimento infligido pela perda. O tempo simbólico, aquele do desejo, transforma-se em tempo morto, um tempo parado, às vezes doce e temível; ao final, um tédio longo e infinito.

Mostramos que a tentação produzida pela privação alimentar induz a uma excitação obsedante, a uma invasão da psique pelos devaneios de alimentação da qual precisamente o sujeito se priva, devaneios que o preenchem e o exaltam. Mas esse estado de tentação não ocorre sem desembocar em um vazio assustador, em um nada dificilmente nomeável, como se, de repente, o sujeito se encontrasse no abandono de seus devaneios. Esse abandono “absoluto” junta-se ao que havíamos descrito sob o forte termo da ausência, ou seja, do espaço interior marcado por um vazio não preenchível: nenhum devaneio, nenhum imaginário interno está em condições de ocupar esse espaço. De algum modo, o vazio sentido segue a um excesso de devaneios.

Se o vazio, na medida em que constitui-se pela experiência fundamental da falta, funda a possibilidade do espaço interior, ou psíquico, que terá de preencher-se, organizar-se em “coisas psíquicas”, o vazio pode conservar-se em si próprio em ruptura da inter-subjetividade na posição depressiva. Ele funde-se também no narcisismo anoréxico, na nostalgia de um paraíso perdido, na espera fictícia de um mais-além da relação com o outro. Em sua nostalgia, o anoréxico fica enlutado de seu devaneio.

O que é querer nada?

Que isso nos autorize a dizer algumas palavras sobre o estatuto simbólico do nada. Entediar-se não é não pensar, mas é pensar em nada; não é não desejar, mas é nada desejar. É esse nada que faz ofício de alguma coisa sobre o plano simbólico. Lacan, a propósito da anorexia mental, defendeu esse tipo de reflexão. “... Isso pode unicamente explicar a verdadeira função de um sintoma como aquele da anorexia mental. Eu já lhes disse que a anorexia mental não é um não-comer, mas um não-comer nada. Insisto – isso quer dizer comer nada. Nada é justamente algo que existe no plano simbólico. Não é um *nicht essen*, é um *nichts essen*. Esse ponto é indispensável para compreender o fenômeno da anorexia mental. O fato visto em detalhe é o de que a criança come nada, o que é diferente de uma negação da atividade. Dessa ausência saboreada como tal, ela faz uso tendo em vista o que tem à sua frente, a saber: a mãe, da qual depende.

¹² E. BIDAUD, *Anorexie mentale, ascèse, mystique*, Paris, Denoël, col. “L'espace analytique”, 1997.

¹³ J. LACAN, *Le Séminaire, Livre VI: La relation d'objet*, Paris, Seuil, 1994, pp. 184 e 185

¹⁴ R. DOREY, *La relation d'emprise*, in *Nouvelle revue de psychanalyse*, Paris, Gallimard, 1981, n° 24, pp. 117 a 139.

¹⁵ S. FERENCZI, *op.cit.*, p. 66.

* (N.doE.) Do alemão: *nicht essen*, não comer, e *nichts essen*, comer nada

Graças a esse nada, a criança a faz depender dela.”¹³

Por intermédio do nada de seu tédio, o sujeito entediado endereça ao outro o significante de sua inaptidão a responder à espera. O outro é imobilizado em relação a esse nada e é apoderado, ele mesmo, pelo tédio. O tédio circula na relação até, às vezes, estabelecer uma dominação pela qual se elaboram neutralização e despossessão do desejo do outro¹⁴. Nós capturamos aqui a dimensão ativa do tédio em sua relação com o outro. Seríamos mesmo levados a pensar que o tédio endereçado ao outro está no âmago de toda relação de dominação, notadamente na problemática obsessiva em que atua ao máximo, como seu nervo essencial. O tédio apareceria, assim, como uma modalidade defensiva contra importantes moções destrutivas, como maneira de desinvestir o mundo, de destruí-lo em favor da economia para proteger-se dele, pelo preço de seu próprio empobrecimento. Ferenczi, em artigo já citado, indicava: “Atrás do vazio do tédio, esconde-se toda a experiência ou a série de experiências que levou a esta incapacidade: irritação dolorosa, tendências encolerizadas e defensivas, sentimento de aflição ou medo da possibilidade de explosões de ódio e de agressões irreparáveis.”¹⁵

Podemos, a partir dessa reflexão, determo-nos sobre o tédio que pode capturar mais ou menos duradouramente a relação analítica. Reflitamos sobre esses pacientes que vêm muito conscienciosamente a suas sessões fazer seu “relato”, onde precisamente nada parece acontecer. O analista adormece, o analisando fazendo-se quase esquecer à distância de todo o trabalho psíquico. O analisando entedia-se, talvez, ou entedia o analista, congelando a relação em um tempo longo que promove o observar da hora. Esse discurso, avançando sobre um modo factual, não ocorre sem ocupar uma função precisa, aquela de intervir no pensamento do analista e em sua capacidade de investimento, neutralizando-os. Esse sinal de tédio, do mesmo modo que o sinal de angústia, funciona no lugar do analista como indício de que alguma coisa se fecha - indício de enclausuramento, efeito de dominação do analisando.

O ódio da espera

Entediar-se: desolar-se então por estar com vontade de nada fazer, mas, uma vez que alguma coisa pareça apta a nos distrair e que afaste o tédio, o engano, este não falha em recair como uma tampa no instante em que precisamente se engaja a necessidade do “fazer”. O tédio desapareceu tão-somente pelo tempo da representação da distração, pelo tempo de seu devaneio. Ele retorna quando se impõe o tempo da elaboração de um fazer a partir do devaneio. É esse tempo de elaboração que se experimenta como longo e que dura até obscurecer não somente a tela do devaneio, mas o conjunto da realidade invadida de vacuidade.

A ancoragem do tédio em um fundo de devaneio implica, pela impregnação de processos primários, um desvio do tempo com o risco de

impor-se como ódio do tempo. O sonhador flutua acima do tempo, faz deste aquilo o que quer, o dispõe na antecipação da realização de seus desejos. Assim, o tédio, em sua relação com o tempo, resultaria da disjunção entre a antecipação de um prazer que os processos primários representam no devaneio como imediato e o ponto longínquo da realização experimentada como impossível. É nessa disjunção que vem estagnar um tempo imutável, sem direção, um tempo sem expectativa que parece massificar-se em um presente que não produz nada além de si próprio. Um tempo que “funciona” além do tédio é um tempo que autoriza a espera, um tempo que sustenta o desejo em busca de seus objetos. O tempo longo do tédio não é o tempo da espera, mas, ao contrário, o tempo da impossibilidade da espera. O escoamento temporal da representação a esse ponto sempre incerto da realização é sentido como uma espera insuportável. Poder esperar é levar em conta o tempo do outro, ou seja, o tempo de seu desejo.

No tédio, o sujeito não consegue mais investir a realidade, nem mesmo aquela de seu devaneio. Ele resta em um entremeio, em um meio tempo, como se estivesse em suspensão entre o todo de seu devaneio e o nada da realidade. Nesse lugar, o sujeito não recusa o tempo, mas quer combatê-lo, levá-lo à morte, enquanto o tempo testemunha o desejo do outro sobre o qual não obtém captura. Investir o tédio, como mostramos anteriormente, é uma maneira de manter a dominação sobre o desejo do outro, e essa dominação passa por um ataque ao tempo.

Tédio e depressividade

Se é possível dizer que ninguém escapa, ou escapou, do tédio ao longo de sua existência, esse pode constituir uma modalidade privilegiada de humor. A questão coloca-se de forma diferente quando o tédio organiza ou regulamenta a relação de certos sujeitos com o mundo. O tédio pode, então, dominar o conjunto das condutas e do funcionamento psíquico desses sujeitos, situando-os mais em uma posição de depressividade do que de um verdadeiro estado depressivo. Pierre Mâle descreveu, sob a noção original de morosidade, o curso lancinante do tédio em alguns adolescentes, que evoca deste modo: “Não encontramos outra palavra para definir esse estado particular de alguns adolescentes; que não é a depressão, com seu caráter de angústia, de inibição formal, de culpabilidade manifesta; que não é a psicose pois a perda de realidade não está presente e nenhum sintoma dissociativo pode ser compilado; que é mais próximo talvez do tédio infantil: ‘Não sei o que fazer, do que brincar, etc.’ É necessário reconhecer aí um estado verdadeiramente tímico? Não acreditamos nisso. É um estado que manifesta, sobretudo, uma recusa de investir o mundo, os objetos, os seres. As coisas ficam sem interesse, deslizam... Os projetos para o futuro, as motivações próprias da vida são freqüentemente recusadas: ‘Nada serve para nada, o mundo é vazio.’ Essas fórmulas poderiam parecer depressivas,

¹⁶ P. MÂLE, *La crise juvénile*, Paris, Payot, 1982, p. 211.

mas elas não se integram em um quadro tímico. Elas são compatíveis com uma energia aparentemente conservada.”¹⁶ Isto é, compatíveis com um possível, que poderíamos qualificar de enclausurado.

O tédio – e é isto o que o distingue da depressão – não diz respeito ao desespero. É sua não-relação com o desespero, assim como com a esperança, que conduz o ego mais à letargia do que a uma verdadeira vontade de desaparecimento. O entediado é um desesperado em falta. (Bernanos encontrou esta bela fórmula: “O tédio é uma forma abortada do desespero.”)

Se o outro é mantido e reconhecido em sua existência ao menos com o despertar da inquietação nele suscitada pela morosidade que deve suportar, é a relação que é, todavia, congelada por essa mesma morosidade, que mantém aquela continuidade da dominação da qual falamos acima.

Além do caso particular da adolescência, o tédio pode ser vinculado, em seu processo de aparição e em sua economia de “crise branda”, às situações de passagem: luto, ruptura existencial... tempos de remanejamento psíquico e de sucumbência da economia do sujeito. Uma história de reclassificação clínica das categorias de afetos ligados a esses tempos – tédio, morosidade, tristeza, cansaço – e sua conceitualização estão por percorrer-se em um primeiro tempo. Em seguida, a hipótese a sustentar seria aquela de um deslizamento atual dessas categorias sob a denominação clínica de estado depressivo, o que não ocorre sem fomentar confusão na perspectiva de uma pesquisa estrutural.

O enigma do tédio, o fato de seu esvaecimento como afeto ordinário e flutuante, ligando e desligando o sujeito em sua relação com o mundo, relança o discurso clínico, assim como o debate a este interligado sobre a questão do normal e do patológico, sobre uma psicopatologia dos afetos cotidianos.

ABSTRACT: *The boredom is an ordinary affect quite unconcerned about psychopathologie. An approach of this affect is possible with regard to two main categories structuring the subject and his desire: the “make” (felt to be impossible) and the time (felt to be long).*

Our research establishes the connexion between boredom and daydream which immobilizes the subject and creates mastery in relations, in particular in anorexia.

The adolescence is a favourable period for the establishment of the boredom as a mechanism of defence.

Palavras-chave: *Tédio, devaneio, tempo, dominação, adolescência.*

Key-words: *Boredom, daydream, time, mastery, adolescence.*

*tradução de Claudia M. Pacheco, e-mail:
cmargarido@uol.com.br*

BIBLIOGRAFIA

- BIDAUD E. Anorexie mentale, ascèse, mystique. Une approche psychanalytique. Paris, Denoel, 1997.
- DOREY R. Le relation d'emprise, in Nouvelle revue de psychanalyse. Paris, Gallimard, 1981, n° 24, pp.117-139.
- FERENCZI S. (1932) "De l'ennui", in Journal Clinique, Paris, Payot, 1985, p. 64.
- FREUD S. La naissance de la psychanalyse. Trad. fr. A. Berman, Paris, PUF, col. "Bibliothèque de psychanalyse", 1956, p. 93.
- HAMONIC F.T.M. "L'acédie et l'ennui spirituel selon saint Thomas", in L'ennui, rev. Autrement, col. Mutations, Paris, 1988, p. 90.
- HEIDEGGER M. Les concepts fondamentaux de la métaphysique. Trad. fr. D. Panis, Paris, Gallimard, 1983, p. 127.
- HUGUET M. L'ennui ou la douleur du temps. Paris, Masson, 1987.
- JANET P. De l'angoisse à l'extase. Paris, Ed. Société Pierre Janet, 1975, t.2, p. 104.
- LACAN J. Le séminaire, Livre IV: La relation d'objet. Paris, Seuil, 1994, pp.184-185.
- LAMBOTTE M.C. "La nostalgie", in Encyclopaedia Universalis (última edição).
- MÂLE P. La crise juvénile. Paris, Payot, p. 211.
- ROUSSEAU J.J. Les rêveries du promeneur solitaire. Paris, Flammarion, 1964, p. 87.